



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL

Relato de Experiência

Rildo Goulart Peres¹

Rochele de Quadros Loguercio²

Resumo

A inclusão de indivíduos residentes em áreas públicas arbóreas, denominadas áreas verdes, por meio de políticas públicas como o Programa Minha Casa, Minha Vida, apresentou problemas quanto à adaptação desses indivíduos a essa nova realidade. Para contornar esses problemas, foram realizadas oficinas de Educação Ambiental, em uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Canoas e a Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN), a fim de provocar o despertar para a causa ambiental, de forma desenvolver uma visão crítica e construtiva do ambiente.

Palavras-chave: Inclusão social; Educação Ambiental; Oficinas.

INTRODUÇÃO

A supervalorização do indivíduo na sociedade moderna, alicerçado em um contexto na busca pelo lucro e mercantilização, poderá provocar a exclusão social (SILVA, 2014). Segundo MIRANDA (2007, p.158), os excluídos não eram atendidos pelas políticas públicas dos governos brasileiros até o lançamento do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV). Com a criação do programa, os moradores de áreas de risco ou de áreas denominadas verdes (áreas arbóreas públicas), em condições precárias de sobrevivência, foram oportunizados com residências em condomínios com saneamento básico, além de serem contemplados com oficinas com intuito de provocar um despertar para a causa ambiental e cuja proposta “[...]ressalta a hermenêutica das relações interdisciplinares que formam paradigmas educacionais dentro das relações do pensamento filosófico e crítico, abordando valores, conceitos, crenças e saberes para o desenvolvimento humano, social e ambiental”

As oficinas, com temáticas sobre cuidados com a água, rede cloacal e coleta seletiva, tinham

1 Mestrando do PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde; UFRGS; rildogperes@gmail.com.

2 Profª Drª PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Núcleo de Estudos em Currículo e Saberes – NECS/UFRGS Porto Alegre, RS, rochelel@gmail.com.

como objetivo uma aprendizagem ambiental como um saber pedagógico, analítico e interpretativo, sobre a sustentabilidade ecológica, social cultural, problematizando, assim, a realidade dos moradores (MIRANDA, 2007). Compreender os problemas e conflitos ambientais existentes na relação do ser humano e ambiente de forma crítica contribui “[...]para uma mudança de valores e atitudes, formando um *sujeito ecológico* capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas” (CARVALHO, 2012, p.158-159). No entanto, essas oficinas não podem ficar no modelo transmissor-receptor, pois devem provocar uma mudança de paradigmas, ou melhor, de atitudes frente aos problemas locais de degradação ambiental e “[...]por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas de cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis que oferecem à saúde das gentes.[...] Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?” (FREIRE, 1996, p. 30).

Assim, a Educação Ambiental nessas oficinas pode ajudar a desenvolver uma visão crítica do ambiente de forma a melhorar “[...]as condições ambientais de existência das comunidades e dos grupos, valorizando as práticas culturais locais de manejo do ambiente” (CARVALHO, 2012, p. 159).

METODOLOGIA

As oficinas foram realizadas em três condomínios do PMCMV durante o primeiro semestre de 2016 no município de Canoas, em parceria da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) com a Prefeitura Municipal, e foram divididas em dois momentos. Em um primeiro momento foi utilizada a metodologia expositiva-dialogada (ANASTASIOU e ALVES, 2004) alternada com prática expositiva, de forma a manter a problemática sobre o processo de tratamento de água e o que pode alterar a sua qualidade pois a “[...] experiência problemática é sentida, vivenciada, para que possa ser racionalmente equacionada como problema. Por isso, o problema é sempre fruto do conflito que relaciona elementos distintos. E se o problema é o que força a pensar, somos levados a admitir que o princípio (origem) do pensamento é sempre uma experiência sensível” (GALLO, 2008, p.118). No segundo momento, um funcionário do setor comercial da CORSAN utiliza a metodologia expositiva-dialogada a respeito da área comercial e informações sobre a tarifa social (valores subsidiados para consumos até 10m³). Além destes dois momentos de interação entre os coordenadores da oficina e os moradores, ao final é oportunizado um novo momento para abordar dúvidas mais específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental, além de ser interdisciplinar e transversal na educação do aluno, deve também ser uma estratégia de inclusão social para a formação crítica do sujeito, de forma que possa entender a sua relação com o ambiente onde mora. As condições precárias de (sub)existência poderão provocar no morador uma despreocupação em cuidar do ambiente, de forma a desperdiçar os seus recursos e, por consequência, a aumentar a sua exclusão da sociedade. Não é o objetivo de incluir para consumir e sim o de incluir para possibilitar aos excluídos uma vida com mais autoestima e dignidade na sua relação com o outro, e também para com o meio ambiente. As pessoas participantes das oficinas demonstraram a preocupação com o meio ambiente e com o seu futuro, e se surpreenderam com as informações recebidas. A culpabilização da pessoa pela degradação do ambiente não precisa ser a única verdade a ser utilizada para Educação Ambiental, mas o desenvolvimento de uma visão crítica e construtiva pode ser o melhor caminho a seguir para um meio ambiente melhor.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Ed. Univille, 2004, p. 67-100.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6a ed. São Paulo: Cortez, 2012, 256 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, Silvio. Currículo: entre disciplinaridades, interdisciplinaridades... e outras ideias. In: SILVEIRA, Érico da. (Org). **Currículo: conhecimento e cultura – Programa Salto para o Futuro**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Ano XIX, N.1, Abr. 2009.
- MIRANDA, Daniela Janaína Pereira. Educação e percepção ambiental: o despertar consciente do saber ambiental para a ação do homem na natureza. **Revista eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, v.19, julho a dezembro de 2007.
- SILVA, Luciana Ferreira da. Educação Ambiental crítica. Jundiaí, Paco Editorial, 2014.